

Mensagem

Ficções míticas e históricas do eu-lírico
em Fernando Pessoa

SISSA JACOBY

PUCRS

“Nos mitos antigos o esquecimento quer dizer, ao mesmo tempo, morte e retorno à vida: dupla função simbólica que faz dele o momento crucial das reencarnações e escatologias. A reminiscência se faz iniciação... uma maneira pela ajuda do utensílio bem grosseiro de nossas línguas naturais, de edificar passarelas entre um passado fabuloso e nosso pobre presente, entre este e um futuro que só terá como fim o Outro Mundo.[...] Dizendo-se pela voz dos poetas, o homem requer da linguagem uma defesa contra uma verdade que presente intolerável... como todas as verdades que concernem ao seu destino: não só a verdade do passado, relativamente fácil de dominar e apagar, mas a do futuro, que ninguém deve afrontar sem máscaras.” (Paul Zumthor)

Em *El desconocido de sí mismo*, Octavio Paz, inicia dizendo que os poetas não têm biografia, pois sua obra é sua biografia. Embora referindo-se aos poetas em geral, o texto é a propósito de Fernando Pessoa, e o poeta português, talvez, mais do que ninguém, tenha encarnado, à perfeição, as palavras de Paz, que acrescenta: “Sua história poderia reduzir-se ao trânsito entre a irrealdade de sua vida cotidiana e a realidade de suas ficções. Essas ficções são os poetas Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e, sobretudo, ele mesmo Fernando Pessoa.”

Octavio Paz lembra, ainda, que o segredo de Pessoa está em seu nome, que vem de *persona*, máscara dos atores romanos: máscara, personagem, ficção, nenhum. *O verdadeiro Pessoa é outro*. O que nos diz Octavio Paz pode ser pinçado, deixando-se de lado todo o resto da obra do poeta, num único poema: *Mensagem*. Se o conjunto da obra reflete o dilema existencial pessoano, o ser todos

e não ser nenhum, *Mensagem*, talvez, possa ser visto como a síntese de Pessoa e, logo, de sua obra.

Único livro em português, publicado em vida, pelo poeta, o poema apareceu em 1934, protagonizando o que Paz chama de o *grotesco incidente* do concurso poético da Secretaria de Propaganda Nacional. Mal interpretado, como seu próprio autor o foi por muito tempo, o poema recebeu um prêmio consolação, em segunda categoria, nunca reconhecido por Pessoa. De cunho místico e sebastianista, *Mensagem* é uma interpretação simbólica da História portuguesa, matéria primeira do poema, e que pode ser identificada através de episódios e figuras históricas, míticas e legendárias, que fazem parte da cultura lusitana, abrangendo desde o período de sua formação até às primeiras décadas deste século, fase em que o poema foi escrito.

A semelhança do que faz a História, propriamente dita, pode-se dizer que o extenso período coberto por *Mensagem*, mais ou menos oito séculos, apresenta-se através de uma seleção dos fatos históricos. E aqui vale lembrar o que diz Paul Zumthor em *Poesia, tradição e esquecimento*, a respeito da seleção. Segundo o medievalista, nossas culturas só se lembram esquecendo, a seleção saneia o que ela criva. Desconectando e afastando-nos um pouco, ela cria uma perspectiva, sinalizando ou determinando aquilo que, no vivido, foi, é e tem chances de permanecer funcional. Era o que faziam as canções de gesta, estilizando uma história oral, e cujo final, com a narração de uma vitória, assegurava ou prometia restaurar no mundo a clareza de uma verdade que foi obscurecida pelo mal. Esse discurso de verdade não pode fundar-se apenas na memória, enquanto rememoração, mas funda-se sobre ela, numa atividade de triagem, redistribuição, deslocamento, mascaramento e de certa maneira, de negação. O passado permanece, a esse preço, vivo e limpo de seus parasitas.

Em *Mensagem* o que temos é, de certa forma, essa triagem, essa limpeza, exaltando e revivificando os grandes reis, os grandes heróis, tudo que a tradição oferece para que o poeta possa restaurar a verdade-Portugal, obscurecida pelo "nevoeiro". É dessa tradição que se serve Pessoa para tentar resolver paralelamente duas crises, o estado nevoento de Portugal, desde o naufrágio dos seus grandes sonhos em Alcácer Quibir, e a sua própria crise como sujeito. Como dizia Ortega y Gasset, a tradição é uma colaboração que pedimos ao nosso passado para resolver nossos problemas atuais, compreendida essa tradição como modelos, normas, tipos veiculados pela memória e o costume coletivo, que tornam possíveis aos membros do grupo social a compreensão e a interpretação espontâneas de suas vivências cotidianas a cada instante da ex-

periência. Compreensão, entretanto, que jamais pode ser total, devido à fragmentação daquilo que é rememorado, pois fazem parte da função da memória a seleção e o esquecimento, o que torna possível a ordenação e reorganização do vivido.

Os fatos selecionados em *Mensagem*, diferentemente da História, não nos são dados por uma linguagem direta, referencial, nem aí estão para simples registro ou conhecimento, mas sim visando a uma significação, um efeito a ser causado no leitor. Através da linguagem poética, a intenção é dar um sentido a essa matéria. E em função desse sentido visado é que os fatos estão arranjados.

O caminho para a significação se faz pela combinação da linguagem metafórica dos poemas e partes de *Mensagem*, que se relacionam entre si, mas também com os títulos que lhes correspondem, e que, assim relacionados, podem presentificar personagens da História portuguesa, como reis e heróis, uma figura mítica, como Ulysses, um símbolo, como o Brasão, além de abstrações como Horizonte, ou elementos naturais como o Mar.

Embora não possamos falar em mímese, no sentido aristotélico, se considerarmos a História de Portugal como o próprio "mythos" – que aí aparece organizado, através das ações das figuras históricas, evocadas ou invocadas pelo eu-lírico, que, por vezes, as assume e revivencia –, é possível falar de um efeito mimético, causado no leitor, o que não deixa de presentificar, de certa forma, uma mímese dessas ações, constantemente evocadas pelas imagens criadas. Pode-se dizer, por exemplo, que o sujeito lírico "encarna" Diogo Cão, assumindo as ações do herói, na Segunda Parte/Mar Português, em III. Padrão:

O ESFORÇO é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

O poema VIII. Fernão de Magalhães, ainda na Segunda Parte, constitui uma narração das ações que se desenrolam durante uma dança, na floresta, ao mesmo tempo que dá conta da aventura e do destino do primeiro navegador português a dar a volta ao mundo e que acabou morrendo entre os índios.

Assim, a História de Portugal desfila diante do leitor, não como simples apresentação, mas recordada e interpretada ao mesmo tempo, sendo objeto de reflexão do sujeito lírico, que ora se distancia ora se aproxima dessa História, colocando-se em diferentes posições relativamente a esse mundo – matéria do poema. Por outro lado, podemos dizer que a História aí comparece mitifi-

cada; é o grande mito transformado pelo poeta e expressado pelo sujeito lírico.

Com *Mensagem*, Fernando Pessoa dá forma ao que constitui não só uma busca mas uma necessidade vital, constante ao longo de sua trajetória, o que explicitou em várias ocasiões, tanto em sua obra poética quanto em depoimentos e entrevistas. Essa verdadeira obsessão em fazer alguma coisa pela grandeza de Portugal, mais do que um projeto, talvez o seu grande sonho, foi definida pelo poeta como um grande amor, um intenso sofrimento.

Se acompanharmos as "mutações" do sujeito lírico, o que temos em *Mensagem* é um EU dividido e pluralizado nas diferentes figuras históricas, que assume, invoca, questiona, ao mesmo tempo que encarna todas elas juntas ao assumir o nós-Portugal, que é tudo porque todos, e nada porque nenhum individualmente. Um Portugal que se debate entre a angústia da decadência e a esperança messiânica da redenção. Ampliando-se, o eu busca resgatar tanto as grandezas da Pátria quanto reconhecer e refletir sobre suas quedas e suas perdas, que são também as do próprio poeta, resultando numa espécie de auto-análise.

O eu-lírico de *Mensagem* é o eu em processo, mutável, que vai adotando as mais variadas posições. Conforme Kristeva, em "Alterações do sujeito", a subjetividade localiza-se, por um instante, em um pronome, que, não se isolando em si, mantém relações definidas com os outros. A oposição eu/tu anuncia a divisão que constitui o eu, bem como a inclusão, por um instante, da não-pessoa, uma terceira pessoa, no discurso do eu. "É esta estratégia, os efeitos da dialética eu/tu/ele, que assegura a função sócio-simbólica da linguagem." Ao dividir-se e multiplicar-se o sujeito pode ocupar ao mesmo tempo todas as instâncias do discurso, caracterizando o que Kristeva chama de *charnière*, ou seja, aquele ponto de articulação que permite parar por um instante o processo, que é assimilado, e relança-lo imediatamente em outras instâncias. Daí, resulta o que ela chama de *subjetividade caleidoscópica*, nem pontual nem localizável, residindo somente nessas passagens de uma *charnière* a outra. (Seriam os *shifters* de Jakobson, palavras cujo sentido varia com a situação, ou seja os pronomes como transferidores e indicadores nesses processos.)

Em *Mensagem*, os diferentes movimentos dessas *charnières*, revelando a flutuação do sujeito, podem ser reconhecidos em quatro posições distintas.

1) Um eu ausente em relação ao mundo do poema, falando em terceira pessoa, uma não-pessoa (ou não-Pessoa?), que não se dirige a

ninguém diretamente marcado no discurso (mas visando a um tu /leitor/destinatário). É o caso, por exemplo do primeiro poema, de I. Os Campos – Primeiro/Os Castellos –, em que temos a apresentação geográfica da Europa, em forma de mulher, cujo rosto é Portugal, apontando, já na relação rosto/Portugal, para uma marca de identidade. A mesma ausência ocorre, também, em Segundo/O das Quinas (ainda em Os Campos); em I. Os Symbolos – Quinto/O Encoberto –, da Terceira Parte.

Em IV. O Monstrengo, o poema mais épico de *Mensagem*, o eu-lírico ausente apenas empresta sua voz à narração das ações que se desenrolam num navio, que afronta a fúria do mar, e ao diálogo travado entre o homem do leme e o monstrengo, numa descrição metafórica das dificuldades enfrentadas pelos portugueses em suas aventuras marítimas.

Essa posição de ausência também pode variar, enquanto se mostra apenas remetendo a uma terceira pessoa, marcada pelos pronomes pessoal (ele) e possessivos (seu, sua). Segundo Kristeva, a pulsão apaga a posição do eu para reproduzir, no discurso, suas dependências dos outros (tu e ele). É o que observamos, nesta estrofe de um dos poemas de V. O Timbre:

Em seu throno entre o brilho das esferas
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O unico imperador que tem, deveras
O globo mundo em sua mão.

que se refere a um ele (aqui, o Infante D. Henrique, e, nos demais, cada um dos heróis que dão título aos poemas: D. João, o Segundo e Affonso de Albuquerque).

2) O eu plural, assumindo um nós, se identifica com Portugal, e se dirige a um tu – marcado no discurso pelo pronome e desinências verbais –, que é cada uma das figuras históricas implicadas. Isto acontece, entre outros exemplos, marcadamente em II. Os Castellos, com Viriato, O Conde D. Henrique, D. Tareja, Affonso Henriques, D. João, o Primeiro e D. Philippa de Lencastre. A todos o sujeito lírico/nós/Portugal se dirige usando o tu; é a nação portuguesa dialogando com o passado através de seus heróis e suas façanhas. Duas exceções significativas ocorrem aqui. Também nomeiam poemas, duas figuras míticas da História portuguesa: Ulysses, que tem seu nome associado a uma lenda da formação de Portugal, e D. Diniz, o rei-poeta. Mantendo o nós, o sujeito lírico, nessas passagens, não mais se dirige a um tu, com quem fala diretamente. Ulysses (*este, a lenda, o mito, o nada que é tudo*) e D. Diniz (*o plantador de naus*), porque mitos, são colocados em um outro pa-

tamar, a quem o sujeito lírico não se dirige diretamente, mas apenas faz referência, em 3ª pessoa.

Esse *tu/outro*, marcado, em oposição ao nós, também pode ser o mar, como aparece, já na Segunda Parte, em II. Horizonte ("Ó mar anterior a nós, teus medos/ Tinham coral e praias e arvoredos.") e em X. Mar Portuguez ("Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal! / Por te cruzarmos, quantas mães choraram"). O mar (símbolo do Inconsciente), aqui, é o tu com o qual o eu dialoga e reflete, "lugar de todos os sonhos, esperanças e desafios da primeira nação que ousou desafiá-lo em busca do Oriente/origem", ainda que o custo tenha sido o preço do naufrágio, pois os *Deuses vendem quando dão*.

Em XII. Prece, o eu/plural pede a um tu/outro/"Senhor", poderes para uma nova reconquista:

Senhor, a noite veio e a alma é vil.

.....
Dá o *sopro*, a aragem, — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa! (Grifo nosso)

Esse mesmo *sopro*, vai aparecer depois, ao final, no terceiro poema de II. Os Avisos:

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o *sopro* incerto
De um grande anceio que Deus fez? (grifos nossos)

Pluralização e pulverização do eu, o nós-Portugal encerra a contradição do uno e do múltiplo, do tudo e do nada, como diz o poeta nos últimos versos de *Mensagem*: "Tudo é disperso, nada é inteiro / Ó Portugal, hoje és nevoeiro."

3) O eu no lugar do outro, apresenta-se nas situações em que o sujeito lírico se expressa na primeira pessoa do singular, mas assumindo o outro, o tu, da figura histórica, revivenciando, explicando ou justificando suas ações, sempre em busca de um sentido. Essa metamorfose ocorre em todos os poemas do número III. As Quinas, na Primeira Parte. O sujeito lírico assume o eu dos reis, especialmente, aqueles envolvidos com o projeto expansionista marítimo, passando a ser, assim, D. Duarte, Rei de Portugal; D. Fernando, Infante de Portugal; D. Pedro, Regente de Portugal; D. João, Infante de Portugal; D. Sebastião, Rei de Portugal. Eu e tu

fundem-se num discurso ambíguo que aponta tanto para a trajetória portuguesa quanto para a trajetória do poeta Pessoa:

Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita -
O todo, ou o seu nada.

.....
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver addiado que procria?

No poema III. Padrão, em que o eu encarna a figura histórica do navegador Diogo Cão, exemplo já citado anteriormente, o poeta revive o momento da conquista e exalta a febre portuguesa da expansão marítima: "O mar sem fim é portuguez (...) O porto sempre por achar."

Em I. Os Símbolos, da Terceira Parte/O Encoberto, temos os cinco mitos portugueses (o Sebastianismo, o Quinto Império, o Desejado, a Índia Nova e o Encoberto) organizados, nas cinco subdivisões do poema, respectivamente, onde o eu assume o primeiro deles, D. Sebastião, não mais rei de Portugal, mas o próprio mito, encarnando o primeiro símbolo, na promessa de um regresso: "É esse que regressarei."

4) Um eu não-sinalizado por qualquer marca no discurso, mas apenas enquanto *oposição ao tu*, ao qual se dirige e conclama, aparece em IV. A Coroa, nas perguntas à figura histórica Nun'alvares Pereira:

Que aureola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

como, também, em O Desejado, na Terceira Parte, I. Os Símbolos, ao invocar o passado glorioso dos heróis das novelas de cavalaria:

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!
Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,

5) O *eu-lírico* (Pessoa?), na primeira pessoa do singular, se expressa diretamente, marcado pelos pronomes e desinências verbais, falando por si e por todos os heróis encarnados, dirigindo-se a um tu, que é também o eu buscado, aquele que virá torná-lo mais do que um *sopro incerto*, aquele sopro ou ânsia pedido no poema *Prece* e reiterado na Terceira Parte, em II. Os Avisos, na subdivisão Terceiro. Os Avisos divide-se em três poemas: Primeiro/O Bandarra; Segundo/Antonio Vieira e Terceiro, que, sintomaticamente, não se faz acompanhar por nenhum outro nome. Bandarra e Vieira foram portadores de "avisos", cada um a seu modo, o sebastianismo popular e o sebastianismo erudito, anunciando a vinda do Salvador, a conquista do Quinto Império. Pessoa também deu um "aviso", com o poema *A memória do Presidente-Rei Sidónio Pais*, que ele acreditava ser O Desejado. Presidente da República Nova, de 1917 a 1918, ano em que foi assassinado, e uma das figuras mais relevantes, discutidas e enigmáticas da vida política portuguesa, Sidónio Pais foi para Fernando Pessoa, segundo Maria Aliete Galhoz, em anotações da edição de *Mensagem*, um momento de sua visão místico-conceptualista da raça. Pessoa teria visto, nele, "a força, a integridade e a generosidade, com sua inteireza cavalheiresca e não propriamente a figura política senão uma como projeção da outra." "Providencialismo difuso, puramente utópico, na mesma linha de pensamento do Pe. Antonio Vieira nas suas interpretações de um Quinto Império espiritual e de realização portuguesa."

Bandarra e Vieira, portadores dos avisos, são designados em 3a. pessoa, pelo sujeito lírico, como *este*, nos poemas que levam seus nomes:

(PRIMEIRO/O BANDARRA)

.....
Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.
.....

(SEGUNDO/ANTONIO VIEIRA)

O CÉU STRELLA o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à gloria tem,
Imperador da lingua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

Entretanto, no poema Terceiro, sem título, é o *eu-lírico* (Pessoa?) que se expressa diretamente como mensageiro dessa

nova era portuguesa que deverá resgatar e ampliar um passado de glórias, que o tempo transformou em ruína:

(TERCEIRO)

SCREVO meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.
.....

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande aneio que Deus fez?

Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Assim varia a posição do sujeito de *Mensagem*, que flutua de uma posição à outra, buscando construir o caminho da significação, desde o apagamento do eu na não-pessoa, passando pela pluralização de todos os eu/tu/ele, até a tentativa de síntese do destino coletivo no uno-Portugal, culminante no sujeito poético/Pessoa, como o próprio Encoberto.

Com *Mensagem*, o poeta propõe reviver em si o mito de D. Sebastião, ser todos os heróis e mitos revividos. A História importa apenas enquanto matéria mítica, pois o fato em si não pode repetir-se jamais. Ao mergulhar na História, o poeta mergulha em si; ao defrontar-se com suas contradições, busca sua própria natureza desconhecida; o poeta cria suas ficções também dentro de *Mensagem*, dialoga consigo próprio, com o outro, com a tradição e o passado. Ricardo Reis, Alvaro de Campos, Alberto Caeiro, Fernando Pessoa, em *Mensagem*, são substituídos por D. Sebastião, D. Pedro, D. Duarte, D. Tareja, Diogo Cão, todos os heróis portugueses, heterônimos de um eu que se busca em todas essas personas, máscaras através das quais o passado é chamado a servir ao presente.

Em *Mensagem*, dialogam o individual e o coletivo, mesclam-se o mito e a História, colocados a serviço do poético, e, na Poesia, Pessoa e Portugal se confundem e se fundem. O poeta se serve da História e da Tradição para que a poesia se faça um rito, reviva o mito, faça renascer no seio da linguagem uma nova busca, contínua, interminável, a busca do homem que dialoga consigo próprio, com o outro, no ontem e no hoje, que procura sua origem ao mesmo tempo que anseia em desvendar o amanhã, o desconhecido, em desvendar-se a si próprio, mesmo sabendo que luta contra

sua sombra, a qual jamais poderá apreender. Por isso re-lembra, re-cria, ao mesmo tempo que se re-inventa, ora é um ora é outro. Quer ser tudo e ao mesmo tempo nada, quer ser mito, pois *o mito é o nada que é tudo*. Pessoa é Portugal, Portugal é Pessoa. Pessoa é seu texto: Poesia, História, Mito.

Referências bibliográficas

- KRISTEVA, Julia. Instances du discours et altération du sujet. In: ———. *La révolution du langage poétique*. Paris: Seuil, 1974.
- NERY, Hermes Rodrigues. Loucura e lucidez em Fernando Pessoa. *Jornal da Tarde*, 11 jun.1988. p. 4. Caderno de Sábado.
- PAZ, Octavio. El desconocido de sí mismo. *ABC*, Madrid, jul. 1994. Periódicos.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- QUADROS, Antonio. *Fernando Pessoa - Vida, personalidade e gênio*. Lisboa: D. Quixote, 1984.
- SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. Mem Martins: Europa América, 1987.
- ZUMTHOR, Paul. Poesia, tradição e esquecimento. *Folha de São Paulo*, 17 dez. 1988, n. 622. Folhetim.